

## RAZÃO E PAIXÕES NA MORALIDADE EM HUME

Lorenza Pabst Botton<sup>1\*</sup>, Franco Nero Antunes Soares<sup>2</sup>

1. Estudante do Curso Técnico em Viticultura e Enologia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Bento Gonçalves (IFRS-BG)
2. Professor de Filosofia no IFRS-BG/Orientador

### Resumo

A pesquisa tem como objeto a teoria ética de David Hume. O objetivo principal é entender como "razão" e "paixões" se relacionam na produção de um caráter louvável. O principal objetivo está relacionado ao esclarecimento das condições pelas quais os agentes morais se tornam virtuosos e à adequação prática dessas condições. O esclarecimento de tais pontos depende da compreensão da relação entre racionalidade e afetividade no comportamento humano. A pesquisa é bibliográfica, com metodologia exploratória, e feita com base na análise e interpretação dos argumentos das fontes *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral* e trechos selecionados do *Tratado da Natureza Humana*. Os resultados indicam que a produção de um caráter louvável é limitada pelo temperamento e pela educação. Esta pesquisa baseia-se no ponto de vista de que a ética e o pensamento crítico estão intimamente ligados à formação de cidadãos autônomos.

**Palavras-chave:** Ética; Motivação; Caráter.

**Apoio financeiro:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### Introdução

O tema da pesquisa são as condições da ação virtuosa segundo a teoria da motivação do filósofo escocês David Hume (1711-1776). Teorias da motivação tentam descrever os estados psicológicos necessários à produção do comportamento humano. Na filosofia de Hume, a explicação das condições segundo as quais razão e paixões influenciam a produção de ações representa uma tentativa de se responder a esse problema. "Razão" e "paixões" são conceitos que se referem a duas faculdades mentais distintas através das quais a mente opera com seus conteúdos, interesses e objetos. Ambas as faculdades são consideradas essenciais à produção da ação humana voluntária: paixões determinam os fins das ações e a razão descobre os meios pelos quais tais fins podem ser alcançados.

Do ponto de vista teórico, essa pesquisa é relevante porque reflete sobre o modo como Hume concebe a relação entre os aspectos racionais e afetivos de nossa psicologia. Ela se justifica, também, por permitir a reflexão sobre teorias filosóficas que contribuem para a compreensão de problemas éticos contemporâneos e de nossa constituição enquanto agentes morais (KAHNEMAN, 2011; GREENE, 2018). Do ponto de vista social, a pesquisa é relevante porque avalia a relação de nossas ações morais voluntárias com nossa motivação psicológica, um dos pontos centrais da ética. Essa reflexão permite-nos pensar nas melhores estratégias para resolvermos problemas de relacionamentos sociais em uma comunidade moral. O reflexo prático destas reflexões é a aposta metodológica em um saber filosófico que compreende o ser humano com um ser afetivo, autônomo, consciente e criativo, capaz de interagir de modo emancipado e ético em sua realidade social.

Pretende-se investigar quais as condições para que um agente moral se torne virtuoso, se, como afirma Hume, as paixões exercem prioridade motivacional no comportamento humano. Além disso, o objetivo principal está relacionado com o esclarecimento de dois problemas: as condições pelas quais os agentes morais tornam-se virtuosos e a adequação prática de tais condições. Na ética humeana, o esclarecimento desses problemas depende da compreensão da relação entre racionalidade e afetividade no comportamento humano.

### Metodologia

A pesquisa desenvolveu uma metodologia exploratória de acordo com seus objetivos e, em relação aos procedimentos técnicos utilizados, realizou-se uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002; MARCONI; LAKATOS, 2003; GENTIL, 2005). As etapas teóricas da pesquisa incluíram leitura, contração, explicação e comentário das fontes primárias, e leitura, explicação e síntese das fontes secundárias (COSSUTA, 2001; FOLSCHEID; WUNENBURGER, 2002). Como fontes primárias foram utilizadas o livro *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral* (M) e as seguintes seções do *Tratado da Natureza Humana* (T): 1.1.1-4, 1.3.7-10, 2.1.1, 2.1.7, 2.3.1-10, 3.1.1.1-2. Como fontes secundárias foram utilizadas passagens de Smith (1987), Nagel (2001), Radcliffe (2008), Warburton (2012), Hoofdt (2013), Rachels (2013). A metodologia propriamente filosófica utilizada fundamenta-se na interpretação textual e na análise e interpretação de argumentos (FOGELIN; SINNOTT-ARMSTRONG, 2005; WESTON, 2009).

A pesquisa teve início pela diferenciação das teorias filosóficas que respondem ao problema metafísico mente-corpo a partir de suas implicações motivacionais à produção de ações. Partiu-se à análise da natureza das distinções morais segundo a teoria empirista das percepções da mente desenvolvida por Hume. Tentou-se compreender as funções da "razão" e das "paixões" na produção de ações. Analisaram-se as consequências

éticas dos conceitos de “hábito”, “educação”, “caráter” e “temperamento”, e, a partir disso, tentou-se compreender as relações entre liberdade e mérito pessoal. Por fim, tentou-se identificar em que medida as condições para a produção de um caráter virtuoso dependem das condições psicológicas da natureza humana, da individualidade e de fatores socioculturais.

Foram realizados encontros quinzenais nos quais foram distribuídas as três principais etapas: leitura, análise e redação. Apesar da importância de se determinar uma ou outra das etapas como principal no cronograma do projeto, as três se sobrepuseram durante o desenvolvimento da pesquisa (FOLSCHEID; WUNENBURGER, 2002). Nos encontros foram feitas discussões sobre os referenciais teóricos e sobre o andamento da redação do ensaio filosófico. Em função da suspensão do calendário acadêmico a partir de março de 2020, os encontros foram feitos de maneira virtual, através da plataforma Google Meet.

## Resultados e Discussão

Hume nomeia nossos estados mentais de “percepções” e divide-os em impressões e ideias. Impressões estão ligadas a nossos sentimentos e sensações. Ideias são originalmente causadas pelas impressões e as representam. Hume compreende que apenas algumas impressões de reflexão, ou paixões, estão originalmente orientadas à produção de ações e, por isso, são o que ele caracteriza mais especificamente como motivos. Essas paixões motivacionais, contudo, devem ser abastecidas com as informações derivadas de nossas ideias para conjuntamente produzirem ações. As ideias que influenciam a produção de ações precisam ter uma força considerável na dinâmica mental. Ideias com tal força não são meras ideias, mas crenças. Para Hume, a convicção que depositamos em nossas crenças deriva, direta ou indiretamente, de algum raciocínio. Portanto, em última instância, temos paixões e crenças produzidas pela razão influenciando a produção de ações. A razão, para Hume, é uma maneira da mente operar com ideias, descobrindo relações que revelam o acordo ou desacordo entre elas próprias ou com seus objetos, as impressões. As paixões motivacionais, para Hume, são as paixões diretas. São elas o tipo de percepção ou impressão de reflexão que estão originalmente direcionados (ou inclinados) a realizar ou evitar ações e objetos que estejam associados à dor e ao prazer.

Hume parece aceitar que tanto crenças quanto paixões exercem uma influência causal nas ações. A influência de algumas paixões vai além e pode ser chamada de influência motivacional, na medida em que é uma influência original sobre a vontade, derivada do fato de paixões expressarem uma intencionalidade dirigida à produção de ações. Essa intencionalidade é o que expressa a possibilidade de a ação ser realizada. Ambas as percepções, crenças e paixões motivacionais, causam ações, mas apenas paixões são motivos para Hume por conta de suas características próprias.

A produção de ações voluntárias para Hume está associada a uma doutrina sobre a liberdade da vontade, que se baseia na presença de motivos e volições como causas necessárias de ações. Ou seja, a ciência das percepções humeana põe em xeque a ideia de que há liberdade de escolha como autodeterminação. Isso porque, como são as paixões que geram motivação, e a razão não pode determinar fins para nossas ações, então nosso comportamento depende em grande medida de nossas paixões. Assim, o funcionamento da razão por si só não pode produzir ações, visto que paixões motivacionais são necessárias à sua produção e não estão sob o controle da vontade. A razão é capaz de descobrir relações entre ideias, mas o alcance das suas operações depende da educação e do hábito, ou seja, para que o alcance de um caráter virtuoso seja possível, as condições sociais têm de ser favoráveis. Além disso, a razão exerce uma função essencial ao surgimento das distinções morais, ou seja, nas avaliações morais – que são paixões que surgem pela influência do meio e do raciocínio. Para que as distinções morais possam modificar o comportamento, o temperamento individual deve ser propício, e é um fator limitante.

Inicialmente, foi-se estudado o problema mente-corpo a fim de compreender os impactos da diferenciação entre corpo e consciência na teoria moral humeana. Baseado nos textos de Nagel (2001), Warburton (2012) e no ensaio póstumo *Da Imortalidade da Alma*, obteve-se como resultado a conclusão de que Hume é monista. Essa conclusão o posicionaria em uma vertente distinta da filosofia de sua época, em grande parte marcada pelo dualismo cartesiano. Na ética humeana, isso implica em uma moralidade que deve ser baseada e restrita ao tempo em vida, e a qual os seres humanos possam realizar, com base nas suas condições e características. Em termos humeanos, basear-se nas condições da psicologia humana para o desenvolvimento de teorias éticas é compreender a prevalência motivacional das paixões sobre a razão. Isso o torna crítico a teorias éticas deontológicas, como a ética cristã, e defensor de uma teoria moral que tenha como base a avaliação do caráter, a partir do conjunto de virtudes e características louváveis – o que tornaria correta a classificação da ética humeana como uma Ética das Virtudes (HOOFT, 2013).

## Conclusões

A teoria de Hume trata das emoções como elementos propulsores da ação humana. No senso comum, vê-se a filosofia como uma atividade de cunho puramente racional, na qual tudo giraria em torno da racionalidade – inclusive a forma pela qual se age. Ao estudar e apresentar conceitos de filosofia empirista, bem como falar de moralidade sem mencionar regras de conduta, causou estranhamento a muitos estudantes que comigo conversaram por não ser uma tese filosófica familiar. Durante a pandemia, a relevância das discussões sobre afetividade e relacionamentos tornaram-se ainda mais relevantes, o que demonstrou a importância de se discutir eticamente a importância das emoções nos sistemas morais. Cientes da necessidade de se manter as discussões, especialmente durante a quarentena, foi realizado o projeto “Encontro Filosófico Virtual: Emoções e Racionalidade na Pandemia”. O evento contou com a presença de estudantes do IFRS

Bento Gonçalves interessados na temática e com professores da comunidade externa que realizaram conosco discussões éticas sobre o momento atual, com base em Hume e outros teóricos, o que permitiu maior alcance da pesquisa à comunidade e ampliação dos debates. As atividades de pesquisa, entre 2020 e 2021, foram feitas também à distância, a partir da reunião quinzenal para leitura do livro *Investigações sobre os Princípios da Moral*. Os principais resultados da pesquisa indicam o temperamento, o hábito e a educação como fatores limitantes a produção de um caráter louvável e o monismo enquanto posição de Hume no debate metafísico sobre o problema mente-corpo. Por fim, a pesquisa realizada segue sendo fundamental para a percepção de que a Ética serve para os seres humanos enquanto em vida, e, por isso, deve condizer com o modo com o qual se age – demonstrando a importância da moralidade. Tendo em vista as atividades realizadas no decorrer do ano para o desenvolvimento da pesquisa, penso que elas foram essenciais para a melhor compreensão da teoria moral de Hume e à divulgação dos resultados de pesquisa entre a comunidade acadêmica. Conclui-se, assim, que a filosofia humeana pode ser apresentada como uma alternativa válida à solução dos problemas éticos contemporâneos, por promover um sistema moral baseado nas características humanas, tornando as emoções relevantes no debate sobre o que é ser virtuoso e agir moralmente.

### Referências bibliográficas

- FOGELIN, Robert; SINNOTT-ARMSTRONG, Walter. *Understanding Arguments: An Introduction to Informal Logic*. 7th Ed. Belmont, CA: Wadsworth Cengage Learning, 2005.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNENBURGER, Dominique. *Metodologia Filosófica*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GENTIL, Hélio Salles. Convite à pesquisa em Filosofia e Ciências Humanas: Orientações básicas para a formulação de um projeto, *Integração*, v. 11, n. 41, p. 169–174, abr-jun. 2005.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOOFT, Stan van. *Ética da Virtude*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Trad. Déborah Danowski. São Paulo: UNESP, 2000.
- HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2003.
- HUME, David. Da imortalidade da alma. Trad. Davi de Souza. In.: CONTE, Jaimir (Ed.). *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006, p. 15-28.
- HUME, David. Da imortalidade da alma. Trad. Márcio Suzuki e Pedro Pimenta. In.: PIMENTA, Pedro (Ed.). *A arte de escrever ensaio e outros ensaios (morais, políticos e literários)*. São Paulo: Iluminuras, 2008, p. 271-278.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MARTINICH, A. P. *Ensaio filosófico*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NAGEL, Thomas. *Uma breve introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RADCLIFFE, Elisabeth. The Humean Theory of Motivation and its Critics. In: \_\_\_\_\_. (Ed.), *A Companion to Hume*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. P. 477–492.
- RACHELS, James; RACHELS, Stuart. *Os elementos da filosofia moral*. 7ª edição. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2013.
- RACHELS, James; RACHELS, Stuart. *A coisa certa a fazer: leituras básicas sobre Filosofia Moral*. 6ª edição. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2014.
- SINGER, Peter (Ed.). *A Companion to Ethics*. Oxford: Blackwell, 1993.
- SMITH, Michael. The Humean Theory of Motivation. *Mind, New Series*, v. 96, n. 381, p. 36–61, jan. 1987.
- WARBURTON, Nigel. *O básico da filosofia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.